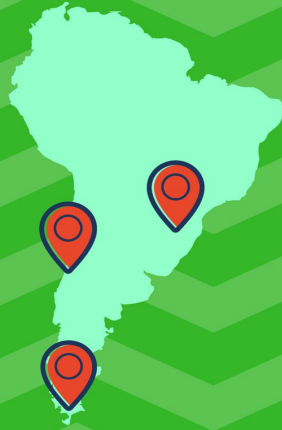


Renan Greinert

A Viagem de Mucuvinha

Volume 1:
Rumo ao fim do mundo



Renan Greinert

A viagem de Mucuvinha

Volume 1: Rumo ao fim do mundo

2017 © Renan Greinert

renan@mundosemfim.com

www.mundosemfim.com

Sumário

- Nota do Renan (pseudo autor)
- Capítulo 1 – Adeus, Brasil!
- Capítulo 2 – Cataratas
- Capítulo 3 – Gil
- Capítulo 4 – Iberá
- Capítulo 5 – Carayá
- Capítulo 6 – Uruguai
- Capítulo 7 – Buenos Aires
- Capítulo 8 – A bandeira
- Capítulo 9 – Viajando de caminhão
- Capítulo 10 – Ranuk
- Capítulo 11 – O morro gigante
- Capítulo 12 – O céu
- Capítulo 13 – Palíndromo
- Capítulo 14 – Dinossauros
- Capítulo 15 – ETs
- Capítulo 16 – Ernesto e Alberto
- Capítulo 17 – Bariloche
- Capítulo 18 – Chi-chi-chi! Lê-lê-lê!
- Capítulo 19 – Feliz Natal!
- Capítulo 20 – Carretera Austral
- Capítulo 21 – Pintando com as mãos
- Capítulo 22 – Alejandro
- Capítulo 23 – Fitz Roy
- Capítulo 24 – Perito Moreno
- Capítulo 25 – Milodonte
- Capítulo 26 – Indo para as Torres
- Capítulo 27 – Torres del Paine
- Capítulo 28 – Piratas
- Capítulo 29 – Terra do Fogo
- Capítulo 30 – Fim do mundo
- Capítulo 31 – Rumo ao norte
- Capítulo 32 – Fantasma

Capítulo 33 – Villarrica
Capítulo 34 – Conce
Capítulo 35 – Sewell
Capítulo 36 – Neruda
Capítulo 37 – A mesquita e a cruz
Capítulo 38 – Etê
Capítulo 39 – Quimal
Capítulo 40 – Atacama
Capítulo 41 – Novos caminhos
Notas

Nota do Renan (pseudo autor)

Antes de começar a história, preciso confessar uma coisa para vocês: apesar de meu nome constar como autor deste livro, todos os méritos são exclusivos do Mucuvinha. Foi ele que me contou com detalhes toda a sua viagem, e eu apenas digitei no computador. Afinal, ele ainda não sabe escrever. Quando aprender, provavelmente vai escrever sozinho seus próprios livros. Até lá, eu estarei aqui para dar uma mãozinha.

Talvez muitas das histórias que ele contou possam parecer inventadas ou um tanto exageradas – principalmente se você já tiver mais de 10 anos. Mas lhe garanto: tudo aconteceu mesmo. Eu e a Michele (minha namorada e companheira de viagem) tivemos a oportunidade de acompanhar o Mucuvinha em muitas de suas aventuras. Algumas coisas que ele relata nós realmente não vimos, mas temos certeza que ele diz a verdade. Afinal, apesar de ser um garoto bastante levado, mentiroso ele não é. O problema é que nós já somos adultos, e os adultos têm uma dificuldade maior para enxergar a realidade. Também somos humanos, e por isso só conseguimos conversar com outros humanos, o que nos priva de um grande universo de conhecimento.

O Mucuvinha, por sua vez, leva duas vantagens: uma delas é que ele é um macaco. Assim, consegue conversar tranquilamente com qualquer animal. Acho que os animais possuem um idioma universal, que ensinam para todas as espécies, menos para nós. Várias vezes vimos ele reunido com cachorros, gatos, pássaros, raposas ou quem quer que fosse, e ficávamos tentando imaginar o que diziam. Ah, em algumas ocasiões também o flagramos conversando com montanhas, pedras e árvores. Não temos ideia de como consegue fazer isso, mas consegue.

A outra vantagem dele é ser uma criança (quando começamos a viagem, tinha apenas 3 anos). Assim, teve a

oportunidade de fazer amigos fantásticos pelo caminho. Muitos deles nós nem chegamos a conhecer, porque estávamos muito ocupados fazendo coisas de adultos. E como gostaríamos de tê-los conhecido! Pelo que o Mucuvinha nos descreveu, eram pessoas realmente muito especiais.

Por isso, vou lhe dar uma dica: se você ainda não cresceu, não cresça. Ou melhor: cresça, mas bem devagar. Quando resolvemos acompanhar o Mucuvinha nesta viagem, nosso sonho era voltar a ser criança. Não conseguimos, mas até que chegamos perto.

O problema é que, quanto mais você cresce, menos coisas enxerga. Talvez seja porque nossos olhos vão ficando velhos, não sei (um dia ainda vou perguntar isso a algum médico). E o pior: inventaram vários tipos de óculos, mas nenhum para voltar a enxergar como uma criança. Procuramos bastante em muitas lojas, mas não encontramos. Por isso, não vimos os piratas, nem o extraterrestre, nem os exploradores, nem vários outros personagens fabulosos que passaram pertinho de nós. Mas sabemos que todos estavam lá, porque o Mucuvinha nos contou. De certa forma, ele foi nossos óculos durante toda esta viagem.

E foi por isso que pedi para ele me contar toda a história. Eu mesmo poderia ter escrito meu próprio livro contando o que vi, mas não teria tanta graça. Ia faltar muita coisa.

Se você ainda é criança, vai saber que todas as histórias são verdadeiras. Se você já é um adulto, esta é sua oportunidade de conhecer melhor o mundo. Mesmo que já tenha visitado os lugares que o Mucuvinha visitou, estou seguro de que não viu nem metade do que havia por lá!

Capítulo 1 – Adeus, Brasil!

Se me perguntassem como é o caminho entre São Paulo e o finalzinho do Brasil (aquela parte onde chamam de *fronteira*, que começa outro país), eu não saberia dizer. Fui de ônibus, e dormi todo o caminho até lá.

Não que eu não estivesse ansioso para conhecer tudo, mas é que estava muito cansado. Os últimos dias foram pura correria: meus pais indo para lá e para cá, fazendo papéis, documentos, vendendo coisas e tudo mais. O mais engraçado que eles fizeram foi ir ao banco pedir que lhes enviassem uns cartões! E é verdade, porque escutei quando disseram para a moça que atendia: “precisamos que nos enviem 3 cartões novos”. Quando os receberam em casa, ficaram muito felizes.

Sempre envio cartões aos meus amigos no aniversário deles ou em outras datas especiais, mas eles não me pedem. É surpresa mesmo. Acho que, se pedissem, estragaria toda a graça. Mas, pelo jeito, os adultos são um pouco diferentes.

Eu também tive muitas preocupações nestes dias antes da viagem. Tive que arrumar minha mochila sozinho, e essa foi uma das minhas maiores dores de cabeça. Sabia que iríamos viajar por mais de 3 anos, e minha mochila é pequena – pouco maior que uma bexiga vazia.

E como decidir quais brinquedos levar? Como saber com qual vou ter vontade de brincar daqui a 3 anos? E tem gente que pensa que vida de criança é fácil! Acabei separando dois carrinhos e dois bichinhos de madeira. Isso quase encheu a minha mochila! Só sobrou espaço para um gorro, um cachecol e um casaco – meus pais disseram que iríamos para lugares muito frios e que veríamos até neve!

Do lado de fora da mochila, amarrei minha barraca e um saco de dormir. Também amarrei uma garrafa d'água, que era

quase do meu tamanho. Depois de apertar bem, ainda consegui espaço para guardar alguns doces.

Mas, voltando a falar da viagem: desci do ônibus em uma cidade chamada Foz do Iguaçu, pertinho da fronteira com a Argentina. Era tão pertinho que bastava atravessar um rio para chegar ao outro país. Havia uma ponte, pintada até a metade de verde e amarelo; e, da metade para lá, de azul celeste e branco.

Aqui tem outra coisa engraçada: quem mora do lado de cá, é brasileiro e fala português. Quem mora do lado de lá, é argentino e fala espanhol (ou *castelhano*, como alguns dizem). Também usam dinheiros diferentes e votam para pessoas diferentes. Até os carros tem placas diferentes.

Isso assusta um pouco meus pais: eles têm dificuldade para conversar com os argentinos, e também tem que fazer mil contas para saber quanto custam as coisas.

Para mim, não faz diferença: não tenho dinheiro mesmo, e converso com eles da mesma maneira que converso com os brasileiros. Se tenho fome, olho com cara de triste e aperto a barriga. Se tenho sono, junto as palmas das mãos e as coloco do lado da minha cabeça. Se quero sorvete, finjo que estou lambendo um invisível. Todos me entendem!

Desculpe, acho que fugi do assunto de novo. Falando da viagem: bastava atravessar aquela ponte e logo estaríamos na Argentina, dando adeus ao nosso querido país, que só voltaríamos a ver depois de muito tempo. Achei que seria fácil e rápido, mas aquela pequena ponte ainda teria muitas surpresas para mim.

Capítulo 2 – Cataratas



–Oi! Você não é daqui, né? – disse uma voz vinda do mato, logo ao lado da margem do rio.

–Não, sou de São Paulo. Sou um macaco, meu nome é Mucuvinha.

Ele estava enfiado no meio de algumas folhagens, mas logo saiu de seu esconderijo e se aproximou. Era um animal que eu nunca havia visto antes: lembrava um pouco um cachorro magrinho, mas conseguia ficar em pé igual aos humanos. Também tinha uma cauda grande e listrada, e garras enormes.

–Que legal, não conheço São Paulo – ele me respondeu. - É grande lá? É uma selva também? Eu sou um quati, muito prazer.

–É bem grande sim. Eu olho pela janela da minha casa e não consigo ver onde termina. Acho que é uma selva também, porque já escutei as pessoas de lá falando que moram em uma “selva de

pedra”. Mas é bem diferente daqui.

Ele arregalou os olhos.

–Selva de pedra? Nossa! E tudo é de pedra? As árvores, o chão, os rios?

–Não, as árvores são de madeira mesmo, mas não tem tantas quanto aqui. É só o chão e as casas que são de pedra. – pensei um pouco e acrescentei: – às vezes, quando chove muito, as ruas viram rios, mas são rios de água mesmo.

Ele ficou mais calmo.

–Ah, ok, já entendi como é. Não é muito diferente daqui então. Também conheço alguns animaizinhos que moram em buracos nas pedras. Assim, suas casas também são de pedra. Se todos morássemos nessas casas, seríamos igual São Paulo.

Ele claramente não havia entendido, mas como explicar como é uma cidade para alguém que nunca viu uma? Tentei pensar em uma descrição para fazer, mas ele me interrompeu:

–E moram quatis por lá?

–Acho que não. Eu, pelo menos, nunca vi um quati em São Paulo. Moram mais pessoas mesmo, e alguns cachorros e gatos. Pássaros também tem bastante, mas outros animais é difícil ver. Eu sou um dos poucos macaquinhos que vivem lá. – Pensei um pouco e acrescentei: – Ah, tem ratos também. As pessoas morrem de medo deles!

Ele deu uma gargalhada.

–Como podem ser tão grandes e ter medo de um animalzinho tão pequeno? – refletiu um pouco e ficou sério. – Deve ser chato morar em uma floresta cheia de humanos. Pelo menos não tem onças; eu tenho medo delas. Vem comigo, vou te mostrar um pouco da minha casa. Tem um lugar que você vai adorar!

E, antes mesmo que eu pudesse responder, ele saiu correndo. Corri atrás dele, pulando de galho em galho, mas foi bem difícil.

Não estou acostumado a correr em uma floresta, ainda mais com uma mochila pesada nas costas.

E fui seguindo este quati por uma distância enorme, até que não aguentei mais e caí no chão, exausto. Achei que fosse perdê-lo de vista, mas ele também parou. Nem se deu conta que eu estava morrendo de cansaço.

–Estamos chegando – disse ele. – Basta subirmos nesta árvore. Consegue escutar o barulho?

Sim, eu escutava. Parecia o barulho de uma tempestade, mas o céu estava completamente limpo. Tentei arranjar fôlego para responder alguma coisa, mas ele já emendou:

–Venha, suba!

Com uma habilidade incrível, disparou para a copa da árvore mais alta.

Com muito esforço, consegui ficar em pé novamente e comecei a escalar aquela árvore. Mal cheguei ao topo e me deparei com a vista espetacular de várias cachoeiras enormes. Já vi cachoeiras antes, mas nenhuma com tanta água como estas.

–Uau! – exclamei, com o pouco de fôlego que ainda tinha em meus pulmões.

–Bonito, não? – perguntou o quati, todo orgulhoso. – Os humanos que vêm aqui chamam este lugar de “cataratas do Iguçu”. Uma vez escutei um deles falando que caem quase 2 milhões de litros de água por segundo! Não sei contar até tanto, mas parece um número bem grande.

E realmente era. Eu sabia que minha garrafinha de água tinha 1 litro, e era bastante água. Ali era como se caíssem 2 milhões das minhas garrafinhas a cada segundo! Tentei imaginar a cena, mas não cabiam tantas garrafas assim na minha cabeça.

–Hein? – perguntou o quati.

–O quê? – estava tão impressionado que nem escutei o que

ele havia dito.

–Perguntei se São Paulo é parecido com isso.

Tentei imaginar São Paulo ali. Talvez, se trocássemos as cascatas por prédios, ficasse parecido. Poderíamos trocar a água pelos carros – acho que em algumas ruas de lá passam 2 milhões de carros por segundo também. Mas os carros não descem dos prédios.

Pensando bem, não tinha nada a ver.

–Não, é bem diferente – respondi. – Se algum dia você quiser ir conhecer como é lá, pode ficar na minha casa! Monto uma caminha bem confortável para você.

–Poxa, obrigado! Quem sabe um dia, adoraria...

E foi interrompido por uma voz bem alta que vinha do céu:

–Que onda? Que ondaaaa?

Olhei para ver quem falava. Era um pássaro enorme, que desceu e pousou na nossa árvore.

–Oi Bico Verde! – falou o quati. – Conheça meu amigo, o Mucuvinha; ele é um macaquinho que veio lá de São Paulo. Mucuvinha, este é o Bico Verde, ele mora na Argentina.

–Muito prazer, Mucuvinha! Eu sou um tucano.

Era diferente dos tucanos que eu conhecia (ou melhor, dos que já vi pela TV, pois nunca conheci nenhum pessoalmente). Seu bico era menor e, como seu nome sugere, verde. Seu pescoço era amarelo e laranja (como se estivesse pegando fogo), sua barriga era vermelha e suas costas eram negras.

–Muito prazer. Você é da Argentina mesmo? Eu estava indo para lá, mas acabei me perdendo de onde está a ponte.

–Que bom que vem conhecer meu país! A Argentina é logo ali – e apontou para a onde estavam as cascatas.

“Será que eles moram atrás das águas?” – pensei.

–Se quiser, te dou uma carona até lá. Isso se você não tiver medo de voar.

Na verdade eu tinha mais medo de me molhar do que de voar. Já viajei de avião antes, e não senti medo nenhum. Mas a água... eu demoro muito para me secar. Ainda mais se for com 2 milhões de litros de água. Será que levaria 2 milhões de dias para ficar seco novamente?

Mesmo assim, fui valente:

–Não tenho medo não! Adoraria uma carona.

–Pois bem! Então venha, já estou de saída!

E, antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ele agarrou meus ombros com suas grandes garras. Só tive tempo de gritar para o quati:

–Tchau! E muito obrigado por me mostrar as cataratas! Te espero em São Paulo!

Ele acenou para mim e foi ficando cada vez menor, até que desapareceu de vez em meio à floresta.

Observar as cataratas de cima foi ainda mais impressionante: era tanta água que formava vários arco-íris. Lá embaixo, consegui ver um pequeno barquinho, e muitas pessoas tirando fotos. Pena que nenhuma delas consegue voar!

E, para minha agradável surpresa, a Argentina não ficava *dentro* das cataratas, mas sim do outro lado delas. Atravessamos mais uma floresta e chegamos a uma estrada, onde aterrissamos.

–Seja bem-vindo à Argentina, Mucuvinha! Se seguir por aqui – e apontou sua enorme asa para a esquerda – vai chegar a Buenos Aires. Nunca fui para lá, mas dizem que é parecida com São Paulo. Agora tenho que ir buscar meus filhos na escola. Estão aprendendo a cantar. Adeus Mucuvinha, e boa viagem!

Mal virei para me despedir e Bico Verde já voava longe. Acenei, mas não tenho certeza se ele viu.

Coloquei minha mochila no chão e me sentei em cima dela para descansar.

Será que Buenos Aires é longe? Se for caminhando, quanto tempo levarei? Conseguirei chegar antes de escurecer?

Enquanto matutava estas ideias, escutei passos de cavalo. Olhei para a frente e me deparei com um enorme alazão. Montado em sua garupa estava um homem grande, de cabelos compridos e bigodes grossos, vestido com roupas azuis. Levava um lenço vermelho amarrado no pescoço. E me olhava sério.

Capítulo 3 – Gil

–Você é um soldado?! – ele perguntou. Sua cara estava fechada; sua voz, zangada.

–Não, sou apenas um macaquinho viajante.

Minha resposta pareceu tranquilizá-lo bastante. Sua fisionomia rude deu lugar a um rosto simpático e generoso. Nem parecia mais a mesma pessoa.

–Puxa, me alegre! Eu sempre ajudo os viajantes. Estava com medo que você fosse um soldado. É que está tendo uma guerra. Eu deveria estar lá, mas fugi; por isso alguns soldados estão atrás de mim. Quero ir para casa. – refletiu um pouco e concluiu: – essa guerra é uma estupidez. Mas para onde você viaja?

Expliquei que não tinha um destino específico, mas que minha ideia era dar uma volta ao mundo. Agora pretendia ir até Buenos Aires.

–Volta ao mundo? Tipo, o mundo inteiro mesmo? Isso é que é viagem, chê! Parabéns garoto, você tem coragem! – e bateu no peito. Depois continuou: – Buenos Aires está bem longe daqui. Eu moro perto de Mercedes, posso te dar uma carona até lá. Fica quase na metade do caminho.

Que sorte a minha! Além de não ter que caminhar tanto, ainda iria andar a cavalo, coisa que nunca fiz antes.

–Claro que sim, adoraria! – respondi.

Ele estendeu a mão e me ajudou a subir. Como sou leve, o cavalo nem se deu conta do meu peso.

E assim fomos, galopando por quilômetros e mais quilômetros, atravessando paisagens exuberantes. De tempos em tempos alguns macacos apareciam nas árvores e nos olhavam curiosos. Acho que nunca haviam visto um parente deles montado

em um cavalo.

Aos poucos a paisagem foi mudando. As grandes árvores foram dando lugar a belos campos que pareciam não ter fim. No horizonte, o sol se preparava para ir visitar o Japão, deixando o céu e as nuvens com uma bonita coloração avermelhada.

–Quer conhecer Resistência? – perguntou Gil. – É uma cidade cheia de esculturas. Talvez possamos passar a noite por lá, já que ainda estamos um pouco longe.

–Quero sim!

Ele manejou as rédeas e o cavalo desviou de seu curso, seguindo por uma ponte que cruzava um grande rio. Do outro lado estava Resistência. E Gil não havia mentido: a cidade realmente era repleta de esculturas. Galopando pela avenida principal, vi estátuas de todos os tipos e tamanhos: crianças, adultos, animais, figuras geométricas e algumas que não pareciam fazer sentido algum. Tentei contar quantas havia, mas acabei desistindo depois que a conta passou de 100.

–Bem bonita, não? – comentou. – Agora vamos para o campo procurar um lugar para dormir.

Voltamos para a estrada e logo avistamos uma pequena fogueira. Junto a ela estava um índio adolescente que preparava sua janta.

–Boa noite, chê! – gritou Gil. – Quer companhia?

O índio nos olhou e fez sinal para nos aproximarmos. Então, quando já estávamos ao seu lado, disse:

–Boa noite pessoal! Claro que sim, estava muito solitário aqui. Venham, ajeitem-se perto da fogueira. Estão com fome? Tenho comida para todos.

Descemos do cavalo e nos acomodamos por ali. Nosso novo amigo nos contou que seu nome era Carayá, e que vivia em umas terras não muito longes dali. Disse que estava se tornando adulto, mas que ainda não se sentia preparado; por isso, buscava um

feiticeiro que pudesse lhe dar coragem e as habilidades necessárias para ser um grande caçador.

–E você, é desta região? – perguntou Carayá a mim. – É que não vejo muitos macacos da sua espécie por aqui.

Respondi que eu era de um outro país, chamado Brasil, e que estava viajando para conhecer o mundo todo. Ele ficou bem surpreso:

–O mundo todo? Nossa! É dessa coragem que eu preciso! Quando encontrar um feiticeiro, vou contar para ele que te conheci e pedir para ele me deixar tão corajoso quanto você. Você já é adulto?

–Ainda não. Tenho só 3 anos. Quase 4, na verdade.

–Caramba, imagine quanto tiver a minha idade! Meus parabéns, Mucuvinha. Agora vamos comer.

Ele tirou do fogo uma panela de barro com uma sopa de legumes bem gostosa, e me deu algumas bananas de sobremesa. Gil comentou que era um gaúcho, e por isso seu negócio era um bom churrasco. Foi até seu cavalo e tirou de uma de suas mochilas um pedaço de carne seca, que espetou com um facão e deixou no fogo para assar. Também pegou uma garrafa de aguardente.

–Adoraria ter companhia para beber – falou Gil. – Mas vocês ainda são muito jovens. Quem sabe daqui a alguns anos, se nos encontrarmos de novo. Um brinde à viagem do Mucuvinha e à coragem do Carayá!

Terminando estas palavras, deu um grande gole e abocanhou um pedaço de carne. Ainda estava bem crua, mas ele não pareceu se importar.

E assim passamos a noite, conversando em volta da fogueira, até cairmos no sono.

Pouco antes de dormirmos, Carayá ajeitou um prato de comida e deixou ao nosso lado, sobre a grama.

–É para o Karaí – explicou. – Ele é um homem muito pobre que vive nesta região. Todo ano, nesta época – estávamos começando o outubro – ele sai de casa em casa buscando comida. Quem não der poderá ter má sorte por um ano. Não sei se ele vai passar por aqui, mas por via das dúvidas vou deixar um pouco para ele.

Gil cortou um grande pedaço da sua carne e colocou no prato do Karaí. Também encheu um copo com aguardente e deixou ao lado do prato.

–Vai que ele quer beber também – comentou. – Vocês sabem como são os adultos!

Eu não levava nenhuma comida de adulto na mochila, por isso peguei um pacote de doces e deixei ao lado do prato. Acho que o Karaí vai gostar.

E, deitado sobre a grama macia e aquecido pela fogueira, dormi bem tranquilamente. Quanta coisa para apenas um dia de viagem!

Capítulo 4 – Iberá

Acordamos assim que o sol raiou. Olhei para o prato de comida e vi que Karáí havia nos visitado. Comeu tudo – inclusive os doces que eu deixei – e bebeu a aguardente. Espero que não tenha se perdido ao voltar para casa!

Carayá se despediu de nós e seguiu seu rumo, em busca de um feiticeiro que pudesse transformá-lo em um homem mais forte e corajoso. Eu e Gil montamos no cavalo e seguimos nosso caminho rumo ao sul.

Cavalgamos várias e várias horas, até que entramos em uma estrada toda cheia de lama.

–Já estamos perto – disse Gil. – Esta parte aqui chove muito, por isso a estrada fica deste jeito.

O cavalo seguia veloz, não se importando em sujar as patas. Tentei imaginar como eu faria para passar por ali se estivesse a pé, já que cada poça d'água era mais funda que a minha altura. E não havia tantas árvores ao redor para que eu pudesse ir pulando de galho em galho.

Depois de mais de 1 hora seguindo por esta estrada, chegamos a um imenso lago, rodeado por uma vegetação bem densa. Paramos aqui para que o cavalo pudesse descansar e beber um pouco de água.

–Estes são os Esteros do Iberá – Gil me explicou. – É o segundo maior pantanal do mundo, perdendo só para o de vocês. Por que não dá uma volta para conhecer o local? Talvez encontre uns macacos para fazer amizade.

Achei aquela uma boa ideia, e saí para dar uma caminhada. Não demorou muito e me deparei com um enorme jacaré.

–Ei, você – ele disse, em tom agressivo. – Não veio aqui para roubar os esteros, não é?

–Não, só estou conhecendo. Sou um viajante. Estou indo para Buenos Aires – respondi.

–Ah, bom – respondeu ele, mais tranquilo. – É que escutei por aí que tem gente querendo roubar nossa água para levar para outro país. Seja bem-vindo então!

Fiquei tentando imaginar como um ladrão faria para roubar toda aquela água. Não caberia dentro de uma mochila. Será que usaria um caminhão? Ou seriam vários ladrões?

Enquanto minha imaginação fluía, o jacaré falou:

–Por que não fica uns dias por aqui? É bem mais bonito que Buenos Aires. Vivemos todos tranquilos (ainda que alguns animais tenham medo de mim).

Gostei da proposta. Como um macaco, realmente prefiro estar cercado de árvores do que de prédios. Voltei para perto do Gil para me despedir.

–Então, meu rapaz – ele falou assim que me viu. – Pronto para seguir viagem?

–Na verdade estava pensando em passar uns dias por aqui.

–Ah, faz muito bem! Tenho certeza que vai gostar bastante daqui. Há muitos animais para fazer amizade. Então olha só, se seguir por esta estrada vai chegar a Mercedes. De lá já vai ver a estrada que segue para Buenos Aires. Se precisar de qualquer coisa, me procure. Todos sabem onde eu moro.

Agradei pela ajuda e nos despedimos. Antes de ir embora, ele me deu um lenço vermelho de presente. Disse que isso me protegeria durante toda a viagem. Então subiu em seu cavalo e seguiu seu caminho.

Depois de vê-lo sumir de vista, fui procurar um bom lugar para montar minha barraca. Caminhei até a beira do lago e encontrei uns animais que nunca havia visto antes: eram bem gordos e tinham dentes grandes e compridos como os de um esquilo.

–Olá! – falei. – Vocês moram aqui?

–Olá! – responderam todos, em coro. – Moramos aqui sim!

–Posso armar minha barraca no quintal de vocês?

–Claro que sim! Amarre bem ela, pois aqui chove forte!

E ali passei esta noite e mais algumas outras, na companhia daquelas criaturas tão simpáticas. Elas me contaram que eram capivaras, e que morriam de medo dos jacarés.

–Tome muito cuidado se for nadar por aqui – disseram.

Mas eu já não tinha mais medo. Afinal, o jacaré tinha ficado meu amigo. Cheguei a vê-lo umas três ou quatro vezes mais durante minha estadia em Iberá, mas ele estava sempre nadando na parte mais funda do lago.

Também vi alguns veados com chifres enormes, mas eles não eram muito de conversa. Sempre que tentava me aproximar, eles fugiam correndo. Escutei falarem que havia uma onça e um tamanduá morando por ali, mas nunca os vi.

E as capivaras tinham razão: nos Esteros realmente chove forte. Durante uma das noites, enfrentei a maior tempestade da minha vida. Sorte que minha barraca aguentou bem.

Capítulo 5 – Carayá

Depois de passar quatro dias brincando por aquelas florestas e fazendo várias amizades com os outros animais, decidi que era hora de partir. Desmontei minha barraca, arrumei minha mochila e segui pelo caminho que Gil me havia indicado.

Enquanto tentava caminhar sem me sujar com a lama, escutei uma voz me chamar:

–Ei, Mucuvinha! Lembra de mim?

Olhei em volta e não vi ninguém.

–Aqui, em cima da árvore!

Subi meu olhar e o encontrei. Era um macaco grande e forte, que comia algumas frutas.

Definitivamente eu não me lembrava dele. Acho que ele percebeu isso pela minha expressão, pois antes mesmo que eu pudesse responder, falou:

–Sou eu, o Carayá! Encontrei o feiticeiro e pedi para ele me transformar em um macaco forte e corajoso como você. Agora moro aqui, e estou muito feliz com minha nova vida!

Fiquei bastante orgulhoso com isso, e muito contente em saber que ele havia encontrado o feiticeiro e que estava feliz em ser um macaco.

Passamos algum tempo conversando. Ele ainda tinha muito o que aprender com seu novo estilo de vida.

–Por que você não fica por aqui também? Poderíamos morar neste lugar maravilhoso para sempre! – ele propôs.

Expliquei que, talvez, um dia viesse a morar ali, mas que no momento ainda queria conhecer o mundo inteiro.

Nisso, parou um carro e desceu um casal. Saíram para tirar

fotos de nós, mas Carayá se assustou e saiu correndo para dentro da floresta.

Quando me viu com a mochila, a mulher perguntou:

–Para onde você vai, menino? Não mora aqui?

Contei a eles toda a minha história, e que agora queria chegar a Buenos Aires.

–Acho que você está com sorte! – falou o homem. – Estamos indo para uma cidade que fica no caminho. Podemos te dar uma carona, assim você não tem que caminhar tanto!

Adorei a notícia. Além de não me cansar, não corria o risco de me sujar com toda a lama daquela estrada. Entrei no carro e partimos.

Logo o caminho deixou de ser de terra e voltou a ser de asfalto. Passamos por Mercedes e por algumas outras cidadezinhas no caminho. Fiquei observando as casas e me perguntando se Gil morava em alguma delas.

Depois de algumas horas viajando e conversando sobre a Argentina (eles conheciam muito bem seu país), chegamos ao destino.

–Aqui te deixamos, garoto – falou a mulher. – Nós vamos para o norte agora. Você deve seguir para o sul para chegar a Buenos Aires. Boa sorte em sua viagem!

Agradei e nos despedimos. O carro deles partiu para o outro lado, e eu fiquei olhando para a estrada que eu deveria seguir: parecia não ter fim! Será que teria a sorte de conseguir outra carona?

Sentei no acostamento e comecei a comer um chocolate para pensar no meu futuro. Nisso, percebi que um fusca vinha pela estrada em minha direção. Sua placa não era da Argentina.

Enquanto se aproximava, ia diminuindo a velocidade, até que parou por completo bem na minha frente. A janela se abriu e

um senhorzinho simpático, de cabelos brancos, colocou a cabeça para fora:

–*Buenas tardes*, garoto! Sabe qual o caminho para o rio?

–Não sei. Acabei de chegar, não sou daqui – respondi. – Moro no Brasil.

–Ah! E o que está fazendo por estes lados?

Expliquei que queria viajar o mundo inteiro, e que agora seguia para Buenos Aires.

–Poxa, muito legal! E por que não vem conhecer meu país, o Uruguai? Posso te dar uma carona. Depois é só pegar um barco e ir para Buenos Aires. Você tem tempo?

–Tenho sim, todo o tempo do mundo!

–Que bom! “Rico é aquele que tem tempo para perder tempo”¹, já dizia um escritor do meu país. Venha, entre! Também tenho todo o tempo do mundo. Vamos dar uma volta. Só preciso encontrar a ponte!

Entrei no Fusca e seguimos. Realmente eu ando com muita sorte: vou conhecer um país novo que nem estava nos planos!

Rodamos mais um pouco até encontrar o rio, que cruzamos por uma longa ponte. Ao chegar do outro lado, meu novo amigo exclamou:

–Seja bem-vindo ao Uruguai! A propósito, como você se chama?

–Mucuvinha – respondi. – E você?

–Meu nome é Mujica. Muito prazer!